

HOW TO TEACH LISTENING AND SPEAKING: ENSINANDO AS HABILIDADES ORAIS EM LÍNGUA INGLESA

Alyne Ferreira de Araújo (1); Daise Lilian Fonseca Dias (2)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; alynef_araujo@hotmail.com (1); daiselilian@hotmail.com (2)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo destacar a relevância do trabalho voltado para o desenvolvimento das habilidades orais, a saber, *listening* (compreensão auditiva) e *speaking* (fala) no ensino de língua inglesa, bem como, fazer o levantamento da teoria a cerca do ensino e aprendizagem de tais habilidades. A realização desta pesquisa se justifica pelo fato de a maioria das escolas regulares terem negligenciado, praticamente excluindo este trabalho de seus currículos, priorizando a habilidade de leitura, e o ensino de gramática e vocabulário, limitando drasticamente a possibilidade de aprendizagem do aluno, que, por viver em uma sociedade globalizada, que elegeu o inglês como a língua universal, necessita estudar o referido idioma em sua totalidade, seja por questões referentes a trabalho, estudos ou lazer. Ademais, uma vez que, a maioria das pessoas estuda uma língua para fins comunicativos, especialmente no que concerne a “fala”, excluir as habilidades orais pode ser extremamente desestimulante para os discentes, além de ser insatisfatório, uma vez que o ensino fragmentado não atende as demandas atuais dos estudantes, os quais acabam tendo que recorrer a escolas de idiomas para aprender a falar a língua, depois de tê-la estudando por anos na escola. Diante disso, faz-se necessário repensar sobre como o ensino de inglês está sendo conduzido, e reverter o quadro, a fim de tornar a disciplina útil e significativa para os alunos, que aborde o idioma de forma holística, e não apenas alguns fragmentos deste, para isso, é preciso incluir as habilidades orais no ensino. Tendo consciência da extrema importância das habilidades de *listening* e *speaking* para melhor aprendizagem e maior motivação dos estudantes, é preciso que o professor se aproprie da teoria sobre o ensino destas habilidades, para que possa realizar esse trabalho da forma mais efetiva possível. Tendo em vista o propósito do trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa de cunho bibliográfico, que permitiu fazer o levantamento do estado da arte para melhor embasar as discussões propostas. Para tal, foram usadas as pesquisas de Brown (2007), Harmer (2007), Celce-Murcia (2001), entre outros, como principais fontes de fundamentação teórica. Deste modo, espera-se que este trabalho possa servir como um guia teórico pra professores que desejam incluir as habilidades orais em suas aulas, e também para aqueles que já o fazem e desejam aperfeiçoar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Língua Inglesa, habilidades orais, listening, speaking.

INTRODUÇÃO

A comunicação é um fator de vital importância na sociedade globalizada, com o grande número de línguas existentes, a língua inglesa, em decorrência do poder econômico e político dos EUA, foi eleita como o idioma das relações internacionais, isto é, é a língua usada para intermediar a comunicação entre pessoas que falam diferentes línguas maternas. Desta forma, aprender esse idioma se tornou uma exigência do mundo globalizado. No Brasil, o inglês está cada vez mais presente, o que se deve em parte a grande influência cultural que os Estados Unidos exercem no país, como também a imposição do mercado de trabalho, que exige, atualmente, que seus funcionários sejam capacitados não apenas em suas áreas específicas, mas também em outras que

deem suporte a sua. O domínio de tal idioma, que antes era um diferencial no currículo, tornou-se uma necessidade básica em diversos campos profissionais.

Em decorrência da extrema necessidade de se aprender a língua inglesa, que tal disciplina se tornou obrigatória no currículo de ensino das escolas públicas no Brasil (apenas após a reforma do ensino médio, em 2017). Porém, de acordo com estudos prévios, o idioma em apreço não é ensinado de forma holística, mas de maneira demasiadamente restrita, abordando apenas uma das habilidades linguísticas, a leitura, em alguns casos, a escrita, e focando no ensino de regras gramaticais e vocabulário. A ênfase na leitura é justificada pela orientação dos documentos oficiais. *Os Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), em 1998, indicam que o ensino do inglês deve priorizar a leitura, por ser essa a habilidade que os alunos têm mais contato no contexto brasileiro, e por a mesma também ser praticamente a única habilidade exigida em exames formais. Além disso, vale destacar que a maioria das escolas públicas brasileiras ainda não têm condições que permitam se trabalhar o idioma em sua totalidade.

Entretanto, é sabido que limitar o ensino de língua inglesa à leitura, vocabulário e gramática entra em contraste com as razões pelas quais o idioma é estudado, perdendo o sentido. Quando se estuda uma língua, na maioria das vezes, se estuda para fins comunicativos, e para se comunicar efetivamente é preciso usar as quatro habilidades linguísticas. É de conhecimento geral que em suas rotinas diárias, as pessoas falam mais que escrevem, escutam mais que leem, entretanto, as habilidades orais continuam a ser praticamente ignoradas, e isso pode ser um dos fatores que levam a desmotivação tanto de alunos como de professores.

Em consequência de tal limitação, se cristalizou na sociedade a ideia que o ensino de inglês das escolas regulares não é bom, e não atende às exigências da sociedade atual. Com isto em mente, os pais passaram a transferir a responsabilidade da escola regular de capacitar seus filhos, no que concerne ao uso da língua inglesa, para escolas de idiomas. Um quadro bastante comum no Brasil, mesmo depois de estudarem inglês por cerca de sete anos, grande parte dos alunos, ou pelo menos os que possuem condições financeiras, ao terminar o ensino médio ou posteriormente, recorre a escolas de idioma para aprender inglês, o que leva a conclusão que o ensino deste idioma no Brasil não atende as necessidades atuais dos discentes, que vão bem além de ler, as pessoas precisam e querem interagir com o mundo e, devido à globalização, precisam da língua inglesa para tal, seja por questões de trabalho, estudos ou lazer.

Considerando isso, é oportuno salientar que é preciso atribuir significado ao ensino de inglês no Brasil, se adequar a realidade atual para que esta possa se tornar uma disciplina útil e prazerosa

para os estudantes. Deste modo, é preciso que a forma como o ensino de inglês é conduzido no referido país seja repensado tanto por parte dos professores que devem avaliar constantemente suas práticas, como pelas autoridades educacionais que devem considerar o contexto atual no que diz respeito ao ensino da língua, uma vez que para se ter uma educação linguística de qualidade, tal como é previsto nos PCN (1998), é preciso ir além de leitura, gramática e vocabulário. Tendo em vista isso, para tornar o ensino de inglês significativo, é preciso trabalhar com as quatro habilidades linguísticas, especialmente, as habilidades orais que têm sido bastante negligenciadas durante muitos anos. Levando isso em consideração, o objetivo deste artigo é mostrar a relevância do ensino das habilidades orais, bem como discutir importantes aspectos no que se refere ao ensino do *speaking* (fala) e *listening* (compreensão auditiva).

METODOLOGIA

Sabendo que ensinar as habilidades de *listening* e *speaking* não é uma prática comum por professores brasileiros, embora seja de extrema importância para uma aprendizagem mais efetiva e significativa da língua inglesa, este artigo tem como finalidade fazer algumas importantes considerações sobre o ensino de tais habilidades. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho bibliográfico, que proporcionou o levantamento de informações necessárias para docentes que pretendem realizar tal trabalho na sala de aula.

Dessa forma, foi feita uma leitura crítica dos postulados de alguns autores, tais como, Brown (2007), Harmer (2007), Celce-Murcia (2001) entre outros, visando destacar em língua portuguesa, uma amostra do valioso aparato teórico-metodológico sobre o assunto que pode servir como sugestão para professores iniciantes ou não da área de língua inglesa, sobretudo para aqueles que não cursaram o Curso de Letras, sendo este o caso de muitos que lecionam nos chamados Cursinhos de Inglês ou até mesmo em outro tipo de instituição de ensino, mas que não dispõem de formação profissional na área. Com o levantamento apontado acima, objetivou-se também entender de maneira mais detalhada como ocorre o processo de ensino e aprendizagem das habilidades em tela, sendo este o foco do trabalho em curso. Desconhecer o que será debatido adiante pode levar o professor a incorrer no risco de cometer erros que já se estabeleceram no processo de ensino de língua inglesa, conforme pontuado na introdução deste artigo.



RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir serão feitas algumas considerações teóricas e práticas sobre o ensino e aprendizagem das habilidades de *listening* e *speaking*, respectivamente, sendo essas informações de extrema importância para professores que desejam iniciar o trabalho com as habilidades orais na sala de aula, ou até mesmo para aqueles que já o faz.

Considerações sobre o ensino e aprendizagem de *listening*

Embora *listening* seja uma habilidade fundamental no processo de aprendizagem de uma segunda língua, esta foi negligenciada por muito tempo pelos estudiosos da área, por ser considerada uma habilidade passiva. No entanto, Brown (2007, p. 299; tradução nossa) enfatiza que: “A importância de praticar a habilidade auditiva na aprendizagem de uma língua não pode ser subestimada”¹, já que é por meio da audição que é possível receber e internalizar informações e estruturas linguísticas. Além disso, em um processo natural de aquisição, a compreensão auditiva é a base para o desenvolvimento da linguagem oral, e também é a habilidade mais usada na vida cotidiana. É importante destacar que “Na década de 1970, o status da habilidade auditiva começou a mudar, deixando de ser tratada com negligência e ganhando importância na área” (CELCE-MURCIA, p. 69, 2001, tradução nossa)². Atualmente, sua importância está consolidada no campo de ensino e aprendizagem de línguas.

De acordo com Harmer (2007b, p. 133; tradução nossa):

A habilidade auditiva reflete de forma eficaz na pronúncia dos alunos (...) quanto mais eles escutam e entenderem o inglês falado, mais eles absorverão a tonicidade e entonação e os sons tanto das palavras individuais como daquelas que aparecem juntas no discurso falado”³.

Assim, quanto mais os alunos escutarem, melhor desenvolverão a habilidade auditiva, como também a fala. Ademais, através da audição, o vocabulário e o conhecimento gramatical dos alunos aumentarão, tal como Celce-Murcia (2001, p. 70; tradução nossa) avalia: “... atividades de

¹ “The importance of listening in language can hardly be overestimated”.

² “In the 1970s, the status of listening began to change from one of neglect to one of increasing importance”.

³ “Listening is good for our student’s pronunciation (...) the more they hear and understand English being spoken, the more they absorb appropriate pitch and intonation, stress and the sounds of both individual words and those which blend together in connected speech”.

compreensão oral são veículos usados no ensino de estruturas gramaticais e permitem que novos itens de vocabulário sejam contextualizados dentro de um âmbito de discurso comunicativo”⁴.

Embora *listening* seja de vital importância no processo de aprendizagem de uma língua, também é um processo muito complexo. Esta pode ser uma habilidade bastante desafiadora para os alunos, que quase sempre se sentem frustrados quando não conseguem entender aquilo que tentam escutar e isso geralmente acontece porque a linguagem falada é diferente da escrita.

Nesse contexto, Brown (2007, 304 – 307) lista algumas características peculiares da linguagem falada que podem tornar o processo de audição complexo: *Clustering* – a redução da linguagem em grupos menores de palavras; *Redundancy* [Redundância] – a reformulação, repetição e inserções de algumas expressões como “I mean”, “you know”; *Reduced Forms* [Formas reduzidas] – reduções de linguagem que podem acontecer a nível fonológico, morfológico, sintático e pragmático; *Performance variables* [Variáveis de desempenho]– a presença de hesitações, pausas, falsas partidas e correções no discurso; *Colloquial Language* [Linguagem coloquial]– a presença de gírias, formas reduzidas, expressões idiomáticas, etc; *Rate of Delivery* – quando lê um texto, o aprendiz pode controlar o processo de leitura, ao contrário, quando escuta, ele não pode controlar a velocidade com a qual o texto é falado; *Stress, rhythm and intonation* [Tonicidade, ritmo e entonação] – os elementos prosódicos da língua, que são de extrema importância para a compreensão da mensagem transmitida; *Interaction* [Interação] – aspecto que tem um papel essencial na compreensão auditiva, pois ouvir leva a responder, o que envolve negociação, esclarecimento. Segundo o autor, todos esses fatores podem causar no estudante uma grande carga de ansiedade, estresse, frustração e desânimo, o que pode interferir no processo de compreensão.

Considerando os desafios no desenvolvimento da habilidade auditiva, os professores precisam pensar cuidadosamente sobre como esta pode ser efetivamente trabalhada na sala de aula. A este respeito, Celce-Murcia (2001, p. 69; tradução nossa) pondera que: “Apesar da compreensão auditiva ser, atualmente, bem reconhecida como um importante aspecto da aprendizagem de línguas há muito trabalho a ser feito na teoria e na prática”⁵. Na verdade, conforme Harmer (2007a), a combinação de atividades extensiva e intensiva de *listening* pode ajudar os alunos a melhorar a habilidade auditiva. Atividades extensivas de *listening* são, geralmente, feitas fora da sala de aula, por prazer, e os estudantes podem escolher o que ouvirão, o que pode ser feito nas suas casas,

⁴ ...listening comprehension lessons are vehicle for teaching elements of grammatical structure and allow new vocabulary items to be contextualized within a body of communicative discourse.

⁵ “Although aural comprehension is now well recognized as an important facet of language learning, much work remains to be done in both theory and practice”.



carros, quando estão viajando ou em quaisquer outros lugares. Diante disso, é de extrema importância que o docente estimule seus alunos a praticarem a habilidade auditiva, isto é, sugerir aos estudantes a assistirem filmes, escutarem músicas, rádios, baixarem *podcast* da internet, etc.

Já atividades intensivas de *listening* são realizadas na sala de aula, são feitas com o único intuito de melhorar a habilidade auditiva dos aprendizes e são totalmente controladas pelo professor. Brown (2007, p. 309; tradução nossa) mostra um exemplo de uma aula na qual foi usada uma atividade intensiva de *listening*:

- Os alunos escutam a fim de entender pistas em treinos em coral ou individualmente.
- O professor repete a palavra ou frase várias vezes para fixar na mente dos alunos.
- O professor pede aos alunos para ouvir uma frase ou um longo trecho de discurso e prestar atenção em um elemento específico, como entonação, tonicidade, uma contração, uma estrutura gramatical, etc.⁶.

Brown (2007) também mostra alguns tipos de aulas de *listening*. Além de atividades extensivas e intensivas de *listening*, o autor lista mais quatro tipos de aulas: “Reativa”, “Responsiva”, “Seletiva”, e “Interativa”. A primeira, “Reativa” [*Reactive*] é quando o aluno apenas escuta e repete. Na concepção de Brown (2007), este procedimento não promove comunicação, já que o papel do aluno se resume a fazer individualmente ou em grupos exercícios mecânicos, o foco é apenas na pronúncia. A “Responsiva” [*Responsive*] consiste em respostas imediatas que os aprendizes dão aos questionamentos ou comandos do professor, esta corresponde a uma significativa proporção das atividades de *listening* aplicadas na sala de aula. “Seletiva” [*Selective*] é quando é designado ao aluno escutar atentamente o áudio a fim de encontrar informações específicas, tais como nomes de pessoas, datas, localizações, ideias principais, etc. Por último, a aula “interativa” [*Interactive*] deve ser integrada com a habilidade da fala e envolve outros tipos de performances. Nesse processo, os aprendizes devem ser envolvidos em debates, conversação, dramatizações e outras atividades que promovam comunicação.

Além do apresentado acima, Brown (2007) também faz sugestões para ajudar os docentes a criarem técnicas e atividades de *listening* a fim de tornar seus alunos ouvintes eficientes. Assim sendo, o autor elenca seis importantes princípios. O primeiro é “Incluir um foco no ensino da habilidade auditiva em um curso que priorize a integração das habilidades” [*Include a focus on listening in an integrated-skills course*], mesmo que o currículo tenha como principal competência a

⁶“• Students listen for cues in certain choral or individual drills.
• The teacher repeats a word or sentence several times to “imprint” it in the students’ mind.
• The teacher asks students to listen to a sentence or a longer stretch of discourse and to notice a specified element, such as intonation, stress, a contraction, a grammatical structure, etc”.

integração das quatro habilidades, cada habilidade requer uma atenção especial e deve ser trabalhada cuidadosamente. “Use técnicas que sejam intrinsecamente motivadoras” [*Use techniques that are intrinsically motivating*] é o segundo princípio, o qual chama atenção para o fato de considerar o interesse e os objetivos dos alunos para poder envolvê-los efetivamente nas atividades.

O terceiro princípio é “Utilize linguagem autêntica e contextos” [*Utilize authentic language and contexts*]. Brown (2007) recomenda ao professor a usar linguagem autêntica, que é a linguagem usada pelos falantes nativos em situações de comunicação real. No entanto, segundo Harmer (2007b), usar linguagem autêntica com aprendizes iniciantes pode ser uma tarefa difícil, porém, em casos como este, o professor deve utilizar uma linguagem mais aproximada à usada na vida real, devendo introduzir linguagem autêntica o mais breve possível.

Outro relevante princípio sugerido por Brown (2007) é “Considere cuidadosamente a forma como os alunos respondem” [*Carefully consider the form of listeners’ responses*]; é difícil para o professor saber se a compreensão foi atingida ou não, assim o docente deve desenvolver técnicas para verificar a compreensão dos aprendizes. A este respeito Lund (1990, *apud* BROWN, 2007, p. 311; tradução nossa), faz algumas sugestões sobre como o professor pode resolver essa situação:

- fazer - o ouvinte responde fisicamente a um comando
- escolher - o ouvinte seleciona alternativas, como fotos, objetos e textos
- transferir - o ouvinte desenha um retrato do que é ouvido
- responder - o ouvinte responde a perguntas sobre a mensagem
- condensar - o ouvinte esboça ou faz anotações de uma palestra
- prolongar - o ouvinte proporciona um final para a história ouvida
- duplicar - o ouvinte traduz a mensagem para a língua nativa ou a repete textualmente
- modelar - o ouvinte pede uma refeição, por exemplo, depois de ouvir a ordem do modelo
- conversar - o ouvinte se envolve em uma conversa que indica o processamento adequado de informações⁷.

“Estimular o desenvolvimento de estratégias de audição” [*Encourage the development of listening strategies*] é o quinto princípio apontado por Brown (2007). Para alguns estudantes, *listening* pode ser a habilidade mais difícil de estudar, pois eles simplesmente não sabem o que fazer para melhorar suas habilidades auditivas. Assim, o professor deve estimular os discentes a

⁷“• doing – the listener responds physically to a command
• choosing – the listener selects from alternatives such as pictures, objects, and texts
• transferring – the listener draws a picture of what is heard
• answering – the listener answers questions about the message
• condensing – the listener outlines or takes notes on a lecture
• extending – the listener provides an ending to a story heard
• duplicating – the listener translates the message into the native language or repeats it verbatim
• modeling – the listener orders a meal, for example, after listening to a model order
• conversing – the listener engages in a conversation that indicates appropriate processing of information”.

desenvolver estratégias que os auxiliem nessa tarefa, tais como, procurar por palavras-chave, sinais não verbais, fazer predição, utilizar o conhecimento prévio, ouvir a fim de compreender a ideia geral, entre outras (BROWN, 2007).

E, finalmente, o último princípio, “Inclua técnicas de *bottom-up* e *top-down*” [*Include both bottom-up and top-down listening technique*]. Conforme uma das teorias da linguagem, dois processos distintos estão envolvidos no desenvolvimento das habilidades de *listening* e *reading*: *Bottom-up* e *Top-down*. O processo de *Bottom-up* ocorre quando o ouvinte usa o conhecimento linguístico que tem para entender a mensagem que está sendo transmitida. Por outro lado, o processo de *Top-down* acontece quando o ouvinte usa o conhecimento prévio para entender a mensagem. Desta forma, é importante que o professor disponha de atividades de *listening* através das quais os discentes possam usar os dois processos comentados acima, “uma vez que ambos os processos podem oferecer dicas que ajudam na compreensão do discurso falado” (BROWN, 2007, p. 312; tradução nossa)⁸. Assim, também é válido lembrar que o processo de compreensão auditiva não envolve apenas *bottom-up* e *top-down*, mas também o processo interativo, o qual inclui tanto o conhecimento prévio como o linguístico na compreensão das mensagens.

Considerações sobre o ensino e aprendizagem de *speaking*

Atualmente, *Speaking* é considerada a principal habilidade quando se pretende aprender uma língua estrangeira. Porém, assim como a habilidade de *listening*, nem sempre esta teve seu valor reconhecido na área de ensino de Língua Inglesa. A maioria dos métodos controlava drasticamente a produção oral dos alunos, ou simplesmente não a abordava. Entretanto, com o surgimento da Abordagem Comunicativa e da ideia de competência comunicativa, *speaking* se tornou o foco das aulas de Língua Inglesa. Celce-Murcia (2001, p. 12; tradução nossa) destaca a importância da habilidade oral: “As habilidades orais não são críticas apenas para a comunicação na sala de aula de Língua Inglesa, mas são necessárias para a comunicação no, e com o mundo de falantes de Inglês”⁹.

Sabendo da importância da produção oral, Harmer (2007b) aponta algumas razões pelas quais os alunos devem ser estimulados a falar inglês na sala de aula. De acordo com o autor, atividades de *speaking* dão aos aprendizes oportunidades de ensaiar o ato comunicativo, de praticar a fala para a vida real. Além disso, através dessas atividades, o professor pode avaliar a aprendizagem do estudante, pois estas, na maioria das vezes, requerem que o aluno use todo o seu

⁸ “... since both can offer keys to determining the meaning of spoken discourse”.

⁹ “Oral skills are not only critical for communication in the ESL classroom, they are necessary for communication in, and with, the English-speaking world”.

conhecimento linguístico. Por último, quanto mais o aluno praticar, mais isso se tornará uma atividade simples e logo o discente desenvolverá autonomia no uso da língua.

Embora os benefícios de trabalhar *speaking* na sala de aula sejam numerosos e de extrema relevância na aprendizagem, alguns fatores podem tornar este trabalho difícil para os alunos e desafiador para os professores. Elocução de fala fluente, formas contraídas, elisão, redução de sons vocálicos, uso de gírias, linguagem coloquial, a velocidade dos áudios que não pode ser controlada, o ritmo e a entonação e a dificuldade de lidar com situações de interação podem tornar a produção oral um processo complexo (BROWN, 2007). Nesse cenário, o docente deve procurar minimizar esses aspectos a fim de ajudar o aluno a desenvolver a fala.

Assim, para falar naturalmente, o aluno terá que ter consciência que em certos contextos, ele terá que fazer uso da linguagem coloquial, como por exemplo, precisará usar contrações, *chunks* de linguagem, fazer uso de redundância para ser melhor compreendido, usar pausas e hesitações, como “Uh, oh, um, well, you know, I mean, like, etc” (BROWN, 2007, p. 326). Além disso, acentuar as palavras adequadamente e utilizar a entonação correta também são importantes na transmissão da mensagem. E, acima de tudo, o aluno deve saber como interagir, como expressar-se e negociar significados, o que ele só vai aprender na prática. Brown (2007) ainda afirma que esses fatores que podem dificultar o processo de produção oral, podem da mesma forma, torná-la mais fácil. Desse modo, cabe ao professor trabalhar de forma que tais aspectos favoreçam a aprendizagem do aluno.

Outro fator que também pode dificultar o ensino da habilidade oral é a timidez dos alunos, como aponta Harmer (2007a, p. 345, tradução nossa):

Os alunos são muitas vezes relutantes em falar porque são tímidos e não estão predispostos a se expressarem na frente de outras pessoas, especialmente quando eles são solicitados a dar informações ou opiniões pessoais. Frequentemente, também, há uma preocupação em cometer desvios de pronúncia e, portanto, ficarem com uma imagem ruim diante de seus colegas de classe¹⁰.

Nesse cenário, Harmer (2007a, p. 345-347) elenca algumas formas de como o professor pode ajudar o aluno em situações como a descrita acima. “Preparar” [*Preparation*] o discente antes do momento da fala é imprescindível para alunos tímidos. Dar alguns minutos para os alunos pensarem, organizarem as ideias; planejar o que vão falar os deixará mais à vontade para participar e, conseqüentemente, o resultado será melhor. Porém, o teórico adverte que haverá momentos que exigirão que os estudantes falem espontaneamente. A “repetição” [*The value of repetition*] também

¹⁰ Students are often reluctant to speak because they are shy and are not predisposed to expressing themselves in front of other people, especially when they are being asked to give personal information or opinions. Frequently, too, there is a worry about speaking badly and therefore losing face in front of their classmates.

pode ser uma boa aliada contra a timidez dos alunos, que provavelmente é ocasionada pela falta de segurança para usar o idioma; assim quanto mais repetirem, mais seguros eles ficarão. Para tanto, o docente deve oportunizar momentos nos quais os aprendizes possam treinar antes de se apresentarem ao grupo.

Para os alunos que não se sentem à vontade em momentos nos quais ficam em evidência, sendo observados por toda a turma, a sugestão é colocá-los para trabalhar em grupos menores. Outra proposta é estabelecer rotinas na aula, isto é, acostumar os discentes desde o princípio a participarem da aula; assim, tarefas devem ser designadas a todos. Desta maneira, os alunos perceberão que todos têm a responsabilidade de construir a aula e, gradativamente, vão perceber a importância do engajamento de todos.

No que diz respeito à abordagem da habilidade *speaking* na sala de aula, Brown (2007, p. 331) elenca sete importantes princípios. O primeiro deles é “Focar tanto na fluência quanto na precisão dependendo dos seus objetivos” [*Focus on both fluency and accuracy, depending on your objective*]; o autor alerta ao professor a não priorizar a fluência em detrimento da precisão ou vice-versa, pois para alcançar a aprendizagem efetiva os alunos precisam ter tanto fluência quanto precisão no uso da língua. O segundo, “Fornecer técnicas intrinsecamente motivacionais” [*Provide intrinsically motivating techniques*]; o teórico destaca a importância de considerar os objetivos, interesses e necessidades dos aprendizes para que o ensino se torne mais significativo e motivador. O terceiro princípio é “Incentive o uso de linguagem autêntica em contextos significativos” [*Encourage the use of authentic language in meaningful contexts*]. Acerca desse tema, Brown (2007, p. 331; tradução nossa) diz que esta é uma tarefa muito difícil que requer “energia e criatividade”¹¹, porém é possível se o professor tiver um bom acervo de materiais.

O quarto princípio é “Forneça resposta e correção apropriada” [*Provide appropriate feedback and correction*]. Na maioria das situações, os alunos são dependentes do *feedback* do professor para saber como está o seu desenvolvimento na aprendizagem. O quinto princípio é “Aproveite a ligação natural entre *speaking* e *listening*” [*Capitalize on the natural link between speaking and listening*], visto que as atividades de *speaking*, na maioria dos casos, envolvem *listening*. Assim, o docente pode aproveitar essa coincidência e, como aconselha Brown (2007), integrar essas duas habilidades.

O sexto princípio envolve o fato de “Dar oportunidade de iniciar uma conversa” [*Give students opportunities to initiate oral communication*]. Nas aulas de inglês, como os docentes são

¹¹ “energy and creativity” .

responsáveis pelos comandos e direções da aula, “... os alunos estão condicionados a falar apenas quando falarem com eles” (BROWN, 2007, p.332; tradução nossa)¹². No entanto, iniciar uma conversação é essencial para os discentes desenvolverem a competência comunicativa. Nessa perspectiva, o docente além de permitir, deve criar oportunidades para que isso aconteça. Por último, “Incentive o desenvolvimento de estratégias de *speaking*” [*Encourage the development of speaking strategies*]. De acordo com esse princípio, os aprendizes devem ter consciência da importância de desenvolver e usar estratégias de *speaking*, tais como, pedir esclarecimento a alguém, pedir para repetir, usar *fillers* (uh, I mean, Well), para ganhar tempo para processar as informações, fazer paráfrase, mímica, entre outras.

Além de todas as considerações feitas acima e sabendo da importância de desenvolver a habilidade da fala nos aprendizes, uma vez que estes avaliam o sucesso na aprendizagem através do desempenho no uso desta habilidade, faz-se necessário que o professor designe atividades que realmente envolvam os alunos em situações de interação. Assim, além das tradicionais atividades de perguntas e respostas, o professor também deve incluir atividades em que o aluno tenha oportunidade de falar espontaneamente. Para isso, o docente deve criar situações reais de comunicação dentro da sala de aula.

CONCLUSÃO

Para se conseguir melhores resultados tanto em relação à aprendizagem da língua inglesa quanto no que concerne a motivação para estudá-la, é preciso que o aluno tenha a oportunidade de conhecer a língua em sua totalidade, e não apenas fragmentos. Continuar um trabalho que não aborda o idioma de forma holística é apostar em um ensino atrasado, que contribui muito pouco para a formação do discente.

Priorizar leitura, gramática e vocabulário priva o aluno de alcançar a competência comunicativa desejada, que pode impossibilitar o mesmo de conseguir um emprego que exija tal competência, de fazer um intercâmbio. É preciso ter consciência que a escola não tem somente o dever de preparar os alunos para os exames formais, mas de preparar para viver na sociedade globalizada, e para tal, apenas saber ler, algumas regras e significado de palavras fora de contexto não é suficiente. É necessário que a escola desmistifique a crença de que não se aprende a língua inglesa em escolas regulares, apenas em cursinhos, crença que está intrinsecamente relacionada à

¹² “... the students have conditioned only to speak when spoken to”.

falta de espaço para a prática oral na sala de aula, para isso, é preciso que as instituições abandonem o ensino de leitura, e passe a ensinar Inglês.

O professor, por sua vez, deve abandonar o perfil passivo e assumir sua posição como agente transformador de realidade e começar a estudar, pesquisar para trabalhar todas as habilidades na sala de aula, especialmente as habilidades orais, uma vez que estas não fazem parte das práticas de muitos professores. Sendo que as habilidades de *listening* e *speaking* são acentuadamente complexas de se ensinar, é de extrema importância para o docente se apropriar da teoria, dos princípios e pressupostos que orientam o professor em relação ao trabalho voltado para o desenvolvimento destas habilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Miguel Eleutério Abrantes. **Improving how listening skills are taught in the EFL classroom**: guidelines to producing better speakers of the English language. Praia: ISE, 2006. Disponível em: <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2440/1/Monografia%20de%20Miguel%20Andrade.pdf>. Acesso em 07 set. 2014.

BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Estrangeira. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROWN, Douglas H. **Teaching by Principles**: An Interactive Approach to Language Pedagogy. United States of America: Pearson Longman, 2007.

BROWN, Steven. **Teaching Listening**. United States of America: Cambridge University Press, 2006.

CELCE-MURCIA, Marianne (ed.). **Teaching English as a Second or Foreign Language**. United States of America: Heinle, Cengage Learning, 2001.

HARMER, Jeremy. **The practice of English Language Teaching**. Excess: Logman, 2007a.

HARMER, Jeremy. **How to teach English**. China: Pearson Education Limited, 2007b.

LARSEN-FREEMAN, Diane. **Techniques and principles in language teaching**. New York: Oxford University press, 1986.

RICHARDS, Jack C. **Teaching Listening and Speaking**: From Theory to Practice. New York: Cambridge University Press, 2008.